



A GINÁSTICA PARA TODOS É REALMENTE PARA TODOS? ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICO-CULTURAIS DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA

Kizzy Fernandes Antualpa*
Emilena Sousa dos Santos**
Ianny Caroline Melo de Souza***
Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima****

RESUMO

Os festivais de Ginástica para Todos (GPT) têm sido espaços de fomento desta prática em diferentes contextos. Tendo em vista as premissas da GPT, indagamo-nos se esse espaço de fato é democrático e qual é o lugar do negro nessa prática dita “para todos”. Dessa forma, buscamos, por meio de uma análise videográfica de dois festivais on-line de regiões distintas do Brasil (sudeste e nordeste), analisar a representatividade negra. Concluímos que, apesar dos festivais on-line expandirem a possibilidade de prática rompendo barreiras geográficas, a diversidade dentre os grupos participantes ainda se mostra pouco evidente, sobretudo em relação à participação negra. Esse olhar sobre os festivais dessa prática corporal evidencia a importância e o debate da popularização da GPT.

Palavras-chave: Festivais; Representatividade; Negro.

GYMNASTICS FOR ALL IS REALLY FOR ALL? SOCIO-POLITICAL-CULTURAL ASPECTS OF BLACK REPRESENTATIVENESS

ABSTRACT

The Gymnastics for All (GfA) festivals have been spaces to encourage this practice in different contexts. However, we ask whether this practice is really democratic and which is the place of black people in this practice known as “for all”. Thus, we sought, through a videographic analysis of two online festivals from different regions of Brazil (southeast and northeast), to analyze black representation. We conclude that although online festivals expand the possibility of practice by breaking down geographic barriers, the diversity among participating groups is still not very evident,

* Doutora em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo – EEF/USP. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – FAGED/UFBA. E-mail: kizzy.antualpa@ufba.br

** Doutora em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Estudante de Educação Física – FAGED/UFBA. Gestora cultural. E-mail: emilena.ssantos@gmail.com

*** Cursando Mestrado em Educação Física associado UESB/UESC na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Especialista em Metodologia do Ensino da Educação Física e do Esporte pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Professora no Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Jequié. E-mail: iannycarolinems@gmail.com

**** Doutora em Educação Física na área de Educação Física e Sociedade pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – FEF/Unicamp. Professora substituta da Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: leticia_queiroz@hotmail.com

especially in relation to black participation. This focus at the festivals of this bodily practice highlights the importance and debate of the popularization of GfA.

Keywords: Festivals; Representativeness; Black people.

¿LA GIMNASIA PARA TODOS ES REALMENTE PARA TODOS? ASPECTOS SOCIO-POLÍTICO-CULTURALES DE LA REPRESENTACIÓN NEGRA

RESUMEN

Los festivales de Gimnasia para Todos (GPT) han sido espacios para fomentar esta práctica en diferentes contextos. Teniendo en cuenta las premisas del GPT, nos preguntamos si este espacio es de hecho democrático y cuál es el lugar de los negros en esta práctica conocida como “para todos”. Así, buscamos, a través de un análisis videográfico de dos festivales online de diferentes regiones de Brasil (sureste y noreste), analizar la representación negra. Concluimos que, a pesar de que los festivales online amplían la posibilidad de práctica rompiendo barreras geográficas, la diversidad entre los grupos participantes aún no es muy evidente, especialmente en relación a la participación negra. Esta mirada a los festivales de esta práctica corporal resalta la importancia y el debate de popularizar la GPT.

Palabras clave: Festivales; Representatividad; Negro.

INTRODUÇÃO

São inúmeros os grupos de Ginástica para Todos (GPT) estabelecidos em distintos espaços de atuação pelo país, em universidades, escolas, clubes, entre outros, difundidos via festivais, que promovem encontros entre grupos, ginásticas e tantas outras manifestações corporais, culturais e artísticas. A pandemia do novo Coronavírus reconfigurou tais encontros, o presencial migrou para o digital, dando espaço para os eventos on-line.

Assim, com o anseio de manter ativa a prática, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Ginástica da Universidade de São Paulo promoveu o IX Festival GYMNUSP – 1º Festival online de Ginástica para Todos do país, com distintas expressões gímnicas, artísticas, corporais e coreográficas. O Grupo de Estudos em Ginástica da Universidade Federal da Bahia (GEGINBA) estreou suas atividades artísticas com a composição Mundo Negro, nesse mesmo evento.

Inspirados nessa experiência, o GEGINBA, em parceria com a disciplina Ginástica III do curso de Educação Física da UFBA, organizou, também de maneira remota, o Festival UFBA de Ginástica (FUF BAG), na perspectiva de divulgar e promover a Ginástica de forma democrática, acessível e inclusiva, na Bahia, no Nordeste e no Brasil. Ressaltamos que esses festivais não foram os únicos que ocorreram de modo virtual no território brasileiro, diversas ações foram elaboradas por grupos e instituições distintas que movimentaram o universo da Ginástica e da GPT nesse período.

A GPT é uma prática que incentiva novos olhares pela sua flexibilidade de participantes, espaços, tempo e implementos que expandem suas possibilidades, acessibilidade e diversidade de ações, ou seja, múltiplas potencialidades a partir de uma “mesma” prática corporal (MENEGALDO; BORTOLETO, 2020). No entanto, ao acessarmos as plataformas digitais fomos atravessadas por alguns questionamentos que evidenciaram a dinâmica social e o real alcance da GPT: o novo ambiente é de fato democrático e inclusivo? Quem são os grupos que participam? A GPT está difundida em distintos espaços, para diferentes comunidades? Quais são os personagens presentes nessa prática?

Nessa perspectiva, compreendendo a trajetória histórica da Ginástica, as indagações perpassaram sobre o lugar do negro nessa prática “para todos”, surgindo daí o objetivo do estudo, o de discutir a representatividade negra nos grupos de GPT participantes de festivais on-line. Ao longo da pesquisa, foram se formando argumentos que reiteram o propósito da pesquisa, colaborar para o entendimento da importância da popularização e representatividade negra na GPT.

GINÁSTICA PARA TODOS E DIVERSIDADE

Em 2009, Nunomura e Tsukamoto, apresentam-nos uma coletânea que sistematiza os Fundamentos das Ginásticas, o que permite compreendermos o histórico e as bases das distintas modalidades/práticas que conhecemos. Em sua segunda edição, no primeiro capítulo, as professoras Eliana de Toledo, Mariana Harumi Cruz Tsukamoto e Michele Viviene Carbinatto expõem os fundamentos da Ginástica para Todos. Nota-se que, desde sua gênese, a GPT vem se apresentando em distintos cenários: eventos (festivais) nacionais e internacionais, ações da Federação Internacional de Ginástica (FIG), Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) e federações Estaduais para a promoção da GPT; cursos; grupos de pesquisas (produção acadêmica) entre outros (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016).

No Brasil, de acordo com Toledo, Tsukamoto e Carbinatto (2016), os fatores que contribuíram para o desenvolvimento da GPT foram os diversos festivais locais, estaduais, nacionais e internacionais, a participação do país nas edições da *World Gymnaestrada*, a implantação da GPT em clubes, escolas e associações (com crescimento do número de adeptos em diferentes regiões do país), a criação de novos grupos em diferentes instituições e com públicos diversos, e o vínculo das universidades com esse campo de conhecimento.

A GPT, como prática corporal, apresenta alguns fundamentos que a caracterizam como: ter a Ginástica como base; criatividade; número indefinido de participantes; liberdade

de vestimenta; materiais/equipamentos; diversidade musical; inserção de elementos de culturas diversificadas; não ser estritamente competitiva; inclusão; prazer pela prática, entre outros (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016).

A GPT é possível em diferentes contextos e proporciona vivências diferenciadas e únicas por meio de um processo inclusivo, criativo e repleto de valores que contribuem para a formação humana, individual e coletiva. Tendo em vista os elementos que constituem essa prática, Menegaldo e Bortoleto (2020, p. 13-14) apontam que:

[...] os elementos sistêmicos que definem a prática da GPT (participantes, espaço, tempo e implementos) podem, de acordo com a opção de cada grupo, variar amplamente. Deparamo-nos com um convite à criatividade, podendo essa liberdade incidir sobre o perfil do grupo, o número de praticantes, o tipo do espaço utilizado, o tempo das composições, o uso ou não de implementos, entre outros aspectos.

Dessa forma, deparamo-nos com a ausência de um único conceito de técnica, e juntamente com as pluralidades de participantes, espaços, tempo, implementos (BORTOLETO, 2008; MENEGALDO; BORTOLETO, 2020) e porque não dizer objetivos com a prática que ampliam seu alcance e possibilitam e incentivam a diversidade nas mais distintas vertentes.

Nessa perspectiva, Toledo e Silva (2020) mostram que a GPT vem gradativamente sendo inserida em distintos contextos sociais de ensino formal e não formal. Marques e colaboradores (2021) reiteram o vasto campo de atuação, tanto na Educação Física formal (escola) como na informal (clubes, academias, instituições, entre outros), podendo ser praticada por todos, de qualquer idade ou condição física.

No entanto, apesar de a GPT ter se desenvolvido no Brasil, ainda há muito a avançar. A sua democratização e acesso pode ser maior, seja no intuito da melhoria da qualidade de vida da população em geral, por meio das políticas públicas de saúde ou via projetos de extensão nas universidades, programas extracurriculares nas escolas e comunidades populares (TOLEDO; SILVA, 2020).

Porém, apesar de ser uma prática considerada como abrangente, possuir em sua essência “liberdade” e “diversidade”, ao observarmos seus fundamentos e características, despertamos para algumas reflexões: suas características favorecem efetivamente a inclusão/diversidade? Quais são os pontos que a levam a ser considerada “para Todos”? Qual é o público (cor, classe e grupos) que participa dos festivais/eventos nacionais e internacionais? Ademais, sabemos que atualmente a GPT está difundida em distintos espaços educacionais, mas ainda é predominante em universidades, com isso refletimos se a prática

não permanece em espaços elitizados, e, ainda, se a população pobre, periférica e negra tem acesso à prática?

NEGRO E AS PRÁTICAS ESPORTIVAS

Cor, no Brasil, é mais que cor da pele (GUIMARÃES, 2011), é textura do cabelo, formato de nariz e lábios, além de traços culturais. O racismo é fenotípico (WEDDERBURN, 2007), é uma atitude, uma teoria que afirma existir uma superioridade racial de um grupo sobre outros, pregando confinamento dos inferiores em um determinado lugar (SANTOS, 1984).

Ser negro no Brasil significa estar imerso em um universo de estereótipos, e o Esporte tem sido um grande veículo de ascensão social, mostrando-se como espaço de resistência, adentrando o cenário olímpico e ultrapassando as barreiras da cor (CRELIER *et al.*, 2016).

Nos dias de hoje, é comum ver negros(as) como destaques esportivos em eventos internacionais, mas nem sempre foi assim. Gavini (2020) expõe que o século XXI trouxe novos ídolos, fenômenos negros como Usain Bolt (atletismo), Serena Williams e Naomi Osaka (tênis) e Simone Manuel (natação), entre outros(as). Nos Jogos Olímpicos de Tóquio/2020, dos 309 atletas do Time do Brasil que compuseram a delegação, 143 se declaram negros(as), retratando o caminho da representatividade no esporte.

Figura 1 – DNA do Time Brasil Tóquio 2020.



Fonte: Globo Esporte (2021).

Na ginástica não tem sido diferente, considerada de difícil acesso aos(às) negros(as) por muitos anos, poucos são aqueles(as) que se destacaram. Na Ginástica Artística, recentemente, as brasileiras Daiane dos Santos e Rebeca Andrade e as americanas Gabrielle Douglas e Simone Biles fizeram história se tornando medalhistas de Jogos Mundiais e Olímpicos, quebrando estereótipos e inspirando outros(as) negro(as) a ocuparem espaços e modalidades antes reconhecidas como de elite.

A visibilidade das práticas esportivas acentua desigualdades sociais presentes historicamente na sociedade. Dentre tais desigualdades, o fenômeno do racismo apresenta-se como um dos desafios enfrentados por diversos atletas e profissionais negros(as). O acesso de negros(as) a determinadas modalidades esportivas é limitado, algumas são praticadas quase que exclusivamente pelas classes dominantes e, conseqüentemente, a presença de negros(as) é praticamente inexistente. Os conflitos sociais decorrentes do racismo, comumente, são sobrepostos por questões de classe. Casos de racismo se multiplicam nos campos esportivos, impondo prejuízos sobretudo para atletas, torcedores(as), treinadores(as) e gestores(as) negros(as) (FARIAS *et al.*, 2020).

Repete-se, sem fim, um ciclo em que atletas negros devem se encaixar no que é aceito esportivamente, mesmo estando fadados ao fracasso. O campo olímpico esportivo se torna um aparato de poder histórico, social, econômico e político de arranjos de uma camada social alta, ocidental, branca e masculina que controla as narrativas e recria as suas próprias argumentações no controle institucional dos comitês e federações demonstrando um dos sintomas de uma história desigual e racista. Apesar de haver representatividade negra na história olímpica, a sua mera presença neste cenário e espaço não consegue atingir sua devida lembrança na memória coletiva (VEIGA, 2020, p. 93).

Para Veiga (2020), é possível afirmar que existe um caráter sistêmico na história do Esporte que causa um processo de subalternidade e privilégio entre atletas de grupos raciais que ecoa da sociedade para dentro do Esporte, que subsiste uma estrutura esportiva que reproduz no âmbito político, econômico e das relações sociais a subalternidade e/ou privilégio entre os grupos raciais.

Em suma, o campo esportivo se torna um aparato de poder histórico, social, econômico e político de arranjos de uma camada social alta, ocidental, branca e masculina que controla as narrativas e recria as suas próprias argumentações no controle institucional dos comitês e federações, demonstrando um dos sintomas de uma história desigual e racista (VEIGA, 2020).

Esses dados reforçam a necessidade de se debater a vertente racial na GPT, haja vista seu caráter diverso/inclusivo, já que aparenta estar seguindo o mesmo percurso político, econômico e cultural delineado pela sociedade.

MÉTODOS

A presente pesquisa foi realizada a partir de uma análise videográfica de dois festivais on-line de diferentes regiões do Brasil, o IX Festival GYMNUSP (sudeste) e o I Festival UFBA de Ginástica (nordeste), disponíveis nos canais do YouTube® dos respectivos grupos.

Foram analisadas ao todo 57 composições coreográficas (38 GYMNUSP e 19 FUFBA), buscando analisar a representatividade negra nesses eventos, a partir da proposta de “heteroidentificação”. A heteroidentificação é uma forma de identificação realizada por “outro”, o que se opõem a auto, ou seja, a declaração por si mesmo (autodeclaração) (UFR, 2021). Esse processo parte de uma avaliação fenotípica por meio de características visíveis.

Neste trabalho, a análise se pautou nos aspectos sócio-político-culturais e nas experiências e percepções das pesquisadoras – autodeclaradas como duas pretas, uma parda e uma branca.

A apreciação videográfica foi orientada pelo olhar coletivo e argumentativo das pesquisadoras, formadas por um grupo diverso: mulheres do nordeste e sudeste do país com experiências e formações distintas. Para tanto, optou-se por seguir a abordagem da predominância (do que tem domínio sobre algum grupo) e da representatividade (possibilidade de reversão de concepções e conceitos racistas) (HEMERLY, 2018), já que não tínhamos a autodeclaração dos(as) participantes.

Esse processo se deu a partir da percepção das pesquisadoras sobre a cor da pele, que, segundo Guimarães (2011, p. 270), pode servir de “[...] marcadores para um discurso de solidariedade e de sentimento de pertencimento comunitário, o que distingue o discurso étnico [...]”. A análise consistiu em registro quantitativo de participantes de pele escura ou clara. Quando da dúvida da cor da pele, utilizou-se os traços físicos (como cabelo), como a dimensão pela qual se definem a própria cor ou raça.

Os dados sobre cor da pele foram analisados a partir da estatística descritiva. A representatividade foi considerada quando o grupo possuía ao menos um de seus integrantes com a cor da pele escura (negros(as)) e pardos(as), e a predominância, quando mais da metade do grupo era composto pela pele da cor escura ou clara (brancos(as)) e amarelos(as).

ANÁLISES E DISCUSSÕES

A organização de festivais on-line e as composições dos grupos participantes desafiaram a distância entre os corpos e “[...] destacaram o processo da virtualidade como um caminho possível de existir e ser com o outro” (SILVA; EHRENBURG, 2020, p. 12). Os dados levantados nos dois festivais em análise vão para além do engajamento dos grupos de GPT que compareceram de forma expressiva aos eventos, eles expõem uma realidade por tantas vezes mascarada, normalizada na sociedade brasileira, e que ainda necessita de muitas ações e discussões no campo da Ginástica, sobretudo naquela intitulada de “para todos”.

Uma só prática, diferentes regiões, diferentes histórias. A cor da GPT no Brasil.

Pesquisas na área da ginástica nos mostram uma tendência das práticas gímnicas no nosso país, tal fato relacionado a questões históricas e culturais da própria institucionalização e consolidação dessas práticas (SOARES, 2012). Não divergente da maioria das práticas gímnicas, a GPT apresenta um predomínio de grupos da região Sul e Sudeste (PATRÍCIO, 2016) e que, conseqüentemente, trazem consigo características regionais e culturais que são transmitidas nas diferentes coreografias e composições.

Segundo o último censo (IBGE, 2010), no que concerne à cor da pele, 47,7% da população brasileira se declaram brancos(as), 43,1% pardos(as), 7,6% pretos(as) e 1,1% amarelos(as). Dos que se declaram pretos(as), 9,5% estavam na região Nordeste e 7,9% na região Sudeste (IBGE, 2010).

Inicialmente, apesar da defasagem desse censo, podemos observar que o Brasil, de forma geral, apresenta uma proporcionalidade de pessoas autodeclaradas brancas e negras (pardas e pretas). Condição que reforça os questionamentos levantados até então nesta pesquisa, de que a população negra ainda padece dos caminhos traçados pela sociedade em diferentes esferas, sejam elas: sociais, culturais e políticas, conjunturas que refletem e impactam também no âmbito esportivo, de forma direta ou indireta.

Tendo em vista tais constatações, buscamos verificar primeiramente a predominância da cor da pele das composições coreográficas apresentadas nos festivais aqui analisados de diferentes regiões do país (GYMNUSP – 38 e FUFBAG – 19) e a predominância geral desses dois eventos, que são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Predominância da cor da pele dos grupos participantes dos festivais.

Festival (Região)	Cor da Pele Clara	Cor da Pele Escura	
	Branca	Parda	Preta
GYMNUSP (Sudeste)	28 (73,68%)	11 (28,94%)	0 (00,00%)
FUFBAG (Nordeste)	11 (57,89%)	5 (26,31%)	4 (21,05%)
Total	39 (68,42%)	16 (28,07%)	4 (7,01%)

Fonte: autoria própria.

Os dados aqui apresentados reforçam as hipóteses iniciais de que, apesar de a GPT ser considerada “para todos”, ela, de fato, reflete os comportamentos e as tendências da sociedade. Esses elementos apresentam uma diferença importante entre os eventos sediados pelas regiões sudeste e nordeste do país, reforçando a predominância da cor da pele clara em relação à escura, evidenciada pelo dado “total”, nas coreografias analisadas.

De forma absoluta, baseadas pelo último censo disponível, observamos um movimento de “equivalência” entre brancos(as) e negros(as) na população brasileira, fato que não reflete no âmbito dos festivais, espaço que conceitualmente seria de maior inclusão. Ao se referirem aos festivais ginásticos, Patrício, Bortoleto e Carbinatto (2016) reforçam que esses têm como gênese a manutenção de identidade cultural, a ampliação de praticantes de ginástica, a demonstração, entre outros. Entretanto, essas questões são também afetadas e, muitas vezes, distorcidas, em virtude das influências políticas, ideológicas, sociais e econômicas que moldaram e ainda moldam as práticas gímnicas (PATRÍCIO; BORTOLETO; CARBINATTO, 2016).

Tendo em vista o ainda marginalizado lugar do(a) negro(a) na sociedade atual, sobretudo a brasileira, objeto de análise desta pesquisa, podemos nos perguntar se realmente essa prática alcança diversas localidades e populações. Dessarte, os dados reforçam discussões acerca dessa prática ainda ser elitizada, que, frente ao contexto da presente pesquisa, e apesar de ser considerada “para todos”, ainda majoritariamente atende a grupos seletos.

Esses preceitos podem ser reforçados ao constatarmos que, apesar de a região nordeste, em especial a Bahia, ser a região com maior quantidade de negros do Brasil, a predominância branca ainda se mostrou majoritária no festival dessa região.

Pensando nas características fundamentais da GPT e nas suas múltiplas possibilidades, acreditamos que falta COR nessa prática, que a potencialidade “arco íris” na realidade ainda é “branca”.

Qual o lugar do Negro na GPT? Um olhar para a representatividade dos grupos participantes.

Sentir-se pertencente a um grupo, espaço, prática significa também se ver reconhecido, representado. Dessa forma, observamos a presença, ou não, de diferentes cores da pele em um mesmo grupo, para, assim, constatar a representatividade dessas diferenças em um mesmo coletivo de pessoas (grupo).

A questão da representatividade vem sendo amplamente evidenciada e discutida no contexto da literatura, da estética, da política, do esporte, entre outros. Há poucos anos, livros, revistas, a mídia em geral retratava um só corpo, um cabelo comum; princesas e heróis eram brancos, políticos reconhecidos também, mas hoje, o negro vem se apropriando desses espaços, e na Ginástica não é diferente. Mas sim, o caminho ainda é longo e os obstáculos são diversos. Nesse sentido, a inquietação sobre a relação da GPT e a representatividade ainda perdura, e nos remete a questão: de fato a GPT representa a pluralidade da população brasileira?

A partir desse questionamento, apresentamos a tabela 2, na qual buscamos evidenciar a representatividade da cor da pele nos respectivos festivais.

Tabela 2 – Representatividade das diferentes cores da pele nos grupos participantes dos festivais.

Festival (Região)	Cor da Pele Clara		Cor da Pele Escura	
	Branca	Parda	Preta	
GYMNUSP (Sudeste)	35 (92,10%)	27 (71,05%)	16 (42,10%)	
FUF BAG (Nordeste)	13 (68,42%)	11 (57,89%)	10 (52,63%)	
Total	48 (84,21%)	38 (66,66%)	26 (45,61%)	

Fonte: autoria própria.

A cor da pele escura está representada em ambos os eventos, retratando que a multidiversidade do Brasil e suas cores não está presente apenas nas ruas, mas também dentro da Ginástica. Esse dado, significativo e muito importante, mostra que o(a) negro(a) existe dentro da Ginástica, que faz parte dessa prática, que, por muitos anos, fez-se distante e não representado.

Uma Ginástica que é sistematizada na Europa (métodos ginásticos), por brancos e para brancos, passa a dar espaço a outras “cores”, sugerindo um processo de rompimento,

mesmo que ínfimo, de hegemonia e estruturas excludentes. Talvez, esse primeiro passo, o da representatividade negra, de uma aproximação com a prática, seja possível a partir de:

[...] algumas características e experiências pedagógicas da GPT, que apoiadas nos ideais pedagógicos de uma perspectiva intercultural e decolonial, viabilizam as lutas e proporcionam a participação de sujeitos e grupos antes invisibilizados pelas relações de poder que determinam uma hierarquia étnico-racial (ALMEIDA *et al.*, 2021, p. 92).

Mas estar apenas representado não é suficiente, o que buscamos com essa pesquisa é expor a necessidade de o(a) negro(a) ser parte! Fernandes, Telo e Cordaro (2016, p. 41) indagam sobre o papel social de Salvador e Bahia, e, ao entrevistarem Kabengele Munanga mostram que é “[...] difícil entender como que um lugar tem a maioria da população negra e afrodescendente, o negro não é representado. Imagine nos estados do sul do Brasil, onde a maioria da população é branca!” (FERNANDES; TELO; CORDARO, 2016, p. 41). O FUFBag, com gênese na Bahia, contrapõe esse questionamento a partir do momento que se mostra como um espaço de representação do negro, mas ainda falha em ser espaço de predominância desse povo.

O GEGINBA buscou romper esses padrões, sendo um grupo formado majoritariamente por negros(as) e trazendo a temática de luta desse povo, apresentou em agosto de 2020 a coreografia “Mundo Negro” (ANTUALPA *et al.*, 2021) como um ato de resistência, expondo ao Brasil: “somos parte!”

Assim, entendemos que estar representado dentro dessa prática é um passo importante para o reconhecimento, mas cabe agora permitirmos efetivamente que a GPT seja “para todos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os festivais on-line são notadamente uma possibilidade de inclusão de novos grupos que, de outra forma, teriam dificuldades de se organizar para participar de eventos fora de suas cidades de origem, por questões geográficas e econômicas.

O potencial da GPT para distintos espaços, comunidades e corpos já é bem consolidado na literatura, entretanto, as diferentes cores da pele não tinham sido analisadas até então. Assim, apesar de identificarmos a pele escura, representada nos grupos de GPT participantes desses festivais, a predominância ainda é da pele de cor clara, reforçando reflexos de processos políticos e históricos do Brasil.

A análise videográfica dos festivais evidenciou dessemelhanças entre as regiões nordeste e sudeste do país e nos fez refletir quem de fato acessa esses espaços e notar a singela

participação da população preta e parda nos grupos de GPT do Brasil. Ressaltamos que, apesar de os festivais on-line expandirem a oportunidade de acesso à prática, a diversidade dos grupos ainda se mostra um pouco evidente, principalmente em relação à participação negra do país.

Por fim, essa pesquisa não termina aqui, ela acende o debate inicial acerca da diversidade para o campo da GPT, que ainda em questões de acessibilidade e de pertencimento são pouco difundidas e discutidas na literatura da área. Dessa forma, esse olhar sobre festivais on-line e a Ginástica “para todos” reacende o debate sobre a importância da popularização da GPT, e, sobretudo, da representatividade negra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. D.; MOTA, K. C. C.; NASCIMENTO, I. S.; CARBINATTO, M. V. Pensamento pedagógico decolonial e a ginástica: diálogos iniciais. *Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista*, v. 20, n. 4, p. 85-92, out., 2021.

ANTUALPA, K. F.; SANTOS, E. S.; LIMA, L. B. Q.; NASCIMENTO, V. L. A ginástica para todos e a Bahia que não se vê. *Motrivivência, Florianópolis*, v. 33, n. 64, p. 01-18, jul., 2021.

BORTOLETO, M. A. C. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na Ginástica Geral. In: PAOLIELLO, E. (Org.). *Ginástica Geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008. p. 167-190.

CRELIER, C. M. S.; SILVA JUNIOR, A. E.; ROQUE, L. F. S.; SOARES, R. A. S. Mulher negra, esporte e mídia. *REDE-A*, v. 6, n. 1, jan.-jun., 2016.

FARIAS, L. G. S.; NEPOMUCENO, L. B.; NETO, L. S.; SILVA, E. V. M. A institucionalização do racismo contra negros(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional. *Movimento*, v. 26, p. e26074, jan./dez., 2020.

FERNANDES, F. B. M.; TELO, F. C. A.; CORDARO, R. A luta dos negros e das negras continua: entrevista com Kabengele Munanga. *Cadernos de gênero e diversidade*, v. 2, n. 2, p. 38-44, jul./dez., 2016.

GAVINI, F. A força negra que rompeu a barreira branca nas Olimpíadas. *Olimpíada Todo Dia*. 06 jun. 2020. Curiosidades olímpicas. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/curiosidades-olimpicas/242861-negros-nos-jogos-olimpicos/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

GLOBO ESPORTE. DNA do Time Brasil Tóquio 2020. 28 jul. 2021 Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/olimpiadas/materia/dna-do-time-brasil>. Acesso em: 30 jul. 2021.

GUIMARÃES, A. S. A. Raça, cor, cor da pele e etnia. *Cadernos de campo*, São Paulo, v. 1, n. 20, p. 1-360, mar., 2011.

HEMERLY, G. Representação social e representatividade. *Ciência e Cultura – Agência de Notícias em CT&I da Bahia*. Salvador, 16 jun. 2018. Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciade-noticias/noticias/entre-a-representacao-social-e-a-representatividade/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE mapeia a distribuição da população preta e parda. *Comunicação Social*. 6 nov. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=2507&t=ibge-mapeia-distribuicao-populacao-preta-parda&view=noticia>. Acesso em: 05 ago. 2021.

MARQUES, L. E. *et al.* Inclusão e ginástica para todos: relato de experiência do Gestos grupo ginástico da UFJ. *Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão*, Guarujá, v. 1, n. 1, p. 115-127, ago., 2021.

- MENEGALDO, F. R.; BORTOLETO, M. A. C. . Ginástica para todos: o que a Praxiologia Motriz diz sobre isso? Conexões, Campinas, v. 18, p. e020014, 2020.
- NUNOMURA, M; TSUKAMOTO, M. H. C. Fundamentos das ginásticas. Jundiaí: Fontoura, 2009.
- PATRÍCIO, T. L. Panorama da Ginástica Para Todos no Brasil: um estudo sobre a invisibilidade. 2016. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- PATRÍCIO, T. L.; BORTOLETO, M. A. C.; CARBINATTO, M. V. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 199-216, jan./mar., 2016.
- SANTOS, J. R. O que é racismo. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Brasiliense, 1984.
- SILVA. D. F.; EHRENBERG, M. C. Corporalidade Virtual e Possibilidades de Novas Experiências. In: CARBINATTO, M. V.; EHRENBERG, M. C. (org.). Festival ginástico e isolamento social: retratos de um evento online. Curitiba: Bagai, 2020. p. 10-21.
- SOARES, C. L. Educação física: Raízes européias e Brasil. 5 ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 2012.
- TOLEDO, E.; SILVA, P. C. C. A ginástica para todos e suas territorialidades. Corpoconsciência, Cuiabá-MT, v. 24, n. 1, p. 71-82, jan./abr., 2020.
- TOLEDO, E.; TSUKAMOTO, M. H. C.; CARBINATTO, M. V. Fundamentos da ginástica para todos. In: NUNOMURA, M. (Org.). Fundamentos das ginásticas. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016. p. 21-48.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS (UFR). O que é Heteroidentificação e por que ela se faz necessária? Mato grosso. Disponível em: https://ufr.edu.br/portal/wp-content/uploads/2021/03/SOBRE_HETEROIDENTIFICACAO_UFR.pdf . Acesso em: 30 jul. 2021.
- VEIGA, V. L. Citius, Altius, Fortius, Silentium: 130 anos de trajetórias de atletas negros nos Jogos Olímpicos. 2020. 108f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- WEDDERBURN, C. M. O racismo através da história: da antiguidade à modernidade. SECAD-MEC, 2007. Disponível em: <http://www.ammapsique.org.br/baix/O-Racismo-atraves-da-historia-Moore.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018